

Educação sexual e seu impacto na prevenção de ISTs e gravidez na adolescência
Sex education and its impact on the prevention of STIs and teenage pregnancy

Maria Ivanir Araújo Neves¹
Isa Andreia Alves Fontenele²

RESUMO: A adolescência é uma fase de transição marcada por mudanças físicas, emocionais e psicológicas, onde a compreensão da sexualidade é crucial para um desenvolvimento saudável. Apesar da atividade sexual precoce ser comum, muitos adolescentes não estão preparados, aumentando os riscos de ISTs e gravidezes indesejadas. Este trabalho tem como objetivo analisar como uma educação sexual fundamentada em direitos pode capacitar os jovens a tomarem decisões informadas e promover sua saúde. A metodologia adotada consistiu em uma revisão bibliográfica qualitativa descritiva, utilizando bases de dados acadêmicas como PubMed, Scopus e Google Scholar, com foco na eficácia da educação sexual. Foram selecionados artigos originais e gratuitos, publicados em português ou inglês, garantindo a qualidade da informação. A pesquisa foi realizada em outubro de 2024, visando fortalecer a importância da educação sexual em escolas e comunidades. A educação sexual é essencial para promover comportamentos saudáveis entre adolescentes, mas frequentemente se limita a conteúdos de abstinência ou instruções abrangentes. Programas baseados apenas em abstinência falham em fornecer informações necessárias sobre contraceptivos, o que pode aumentar a vulnerabilidade a ISTs e gravidezes indesejadas. Fatores como acesso restrito a serviços de saúde e as características próprias da adolescência, como a busca por identidade, amplificam esses riscos, especialmente em países em desenvolvimento. A literatura evidencia que uma educação sexual abrangente é eficaz na redução dessas taxas, promovendo o adiamento da iniciação sexual e o uso de métodos contraceptivos. Contudo, a carga horária de instrução nas escolas é muitas vezes insuficiente. Assim, é crucial que políticas públicas priorizem currículos abrangentes e envolvam comunidades e pais para criar um ambiente favorável à educação sexual.

Palavras-chave: Educação Sexual; Adolescência; ISTs; Gravidez Indesejada; Saúde Reprodutiva.

ABSTRACT: Adolescence is a transitional phase marked by physical, emotional, and psychological changes, where understanding sexuality is crucial for healthy development. Although early sexual activity is common, many adolescents are unprepared, increasing the risk of STDs and unwanted pregnancies. This study aims to analyze how rights-based sexual education can empower young people to make informed decisions and promote their health. The methodology adopted consisted of a qualitative descriptive literature review, using academic databases such as PubMed, Scopus, and Google Scholar, focusing on the effectiveness of sexual education. Original and free articles published in Portuguese or English were selected, ensuring the quality of the information. The research was conducted in October 2024, aiming to reinforce the importance of sexual education in schools and communities. Sexual education is essential to promote healthy behaviors among adolescents, but it is often limited to abstinence content or comprehensive instructions. Abstinence-only programs fail to provide necessary information about contraceptives, which can increase vulnerability to STDs and unwanted pregnancies. Factors such as restricted access to health services and the characteristics of adolescence, such as the search for identity, amplify these risks, especially in developing countries. The literature shows that comprehensive sexual education is effective in reducing these rates, promoting the postponement of sexual initiation and the use of contraceptive methods. However, the number of hours of instruction in schools is often insufficient. Therefore, it is crucial that public policies prioritize comprehensive curricula and involve communities and parents to create an environment favorable to sexual education.

Keywords: Sexual Education; Adolescence; STDs; Unwanted Pregnancy; Reproductive Health.

INTRODUÇÃO

A adolescência é um período caracterizado por uma série de mudanças físicas, emocionais e psicológicas, representando uma fase de transição da infância para a idade adulta

¹Médica da Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares. E-mail: ivanirneves@hotmail.com;

²Médica e Residente pela Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: isa-fontenele@bol.com.br.

(Özdemir; Utkualp; Palloş, 2016). Esta fase da vida é geralmente considerada saudável, mas também pode ser um momento de complexidade, servindo como uma ponte entre a infância e a idade adulta. Durante a adolescência, os indivíduos normalmente experimentam os primeiros sinais de maturação sexual, que geralmente estão associados a um novo senso de independência. Infelizmente, apesar da atividade sexual precoce se tornar cada vez mais comum entre os adolescentes, muitos estão mal preparados para essa experiência (Hegde; Chandran; Pattnaik, 2022).

Compreender a sexualidade é um aspecto essencial do desenvolvimento saudável na adolescência, apresentando implicações significativas para a vida dos jovens. Essa compreensão pode contribuir para a redução do risco de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), capacitar os adolescentes a tomarem decisões informadas, estabelecerem relacionamentos saudáveis e, conseqüentemente, melhorarem sua autoestima e autoconfiança. Além disso, a educação sexual adequada pode ajudar na prevenção de gravidezes indesejadas e na construção de uma base sólida para relacionamentos positivos e respeitosos no futuro (Fu et al., 2019; Henderson et al., 2020).

A discussão sobre como fornecer educação sexual e de relacionamentos com base em princípios “baseados em direitos” é um tema atual e relevante no campo educacional. A educação sexual e de relacionamentos fundamentada em direitos é um conceito que suscita controvérsias. Esse conceito pode ser interpretado de diversas maneiras, abrangendo tanto o direito à informação e à educação sobre sexualidade e relacionamentos quanto o direito à saúde e ao bem-estar sexual. Além disso, envolve considerações sobre as abordagens pedagógicas e os estilos de ensino que orientam a transmissão desse conteúdo (Moore, 2013).

Os riscos associados ao comportamento sexual são um dos tópicos mais pesquisados sobre a sexualidade adolescente. As gestações indesejadas e a transmissão de ISTs se destacam em particular. Em relação às IST, mais de um milhão de pessoas entre 15 e 49 anos contraem uma doença diariamente, segundo a Organização Mundial da Saúde (WHO, 2024). A incidência de HIV, por sua vez, atingiu 39,9 milhões de pessoas em todo o mundo em 2023, com uma prevalência particularmente alarmante em países subdesenvolvidos, como os da África, onde as mulheres são desproporcionalmente afetadas (UNAIDS, 2024).

No que diz respeito às gestações não intencionais, a OMS estima que a cada ano ocorrem 16 milhões de gestações entre mães adolescentes em todo o mundo (OMS, 2020). Atualmente, os preservativos são o único método que oferece proteção eficaz contra a gravidez indesejada e as ISTs. No entanto, sua eficácia depende do uso correto e consistente. Fatores como a ausência

de educação sexual adequada, o início precoce das relações sexuais e o contexto em que a sexualidade é vivenciada influenciam significativamente a ocorrência de comportamentos de risco (Muswede; Tshivhase; Mavhandu-Mudzusi, 2021).

Portanto, é fundamental promover uma educação sexual abrangente e acessível, que não apenas informe os jovens sobre os riscos associados ao comportamento sexual, mas também os capacite a fazer escolhas informadas e seguras. A implementação de programas de educação sexual em escolas e comunidades pode ser um passo decisivo para reduzir as taxas de ISTs e gestações indesejadas entre adolescentes, contribuindo para um desenvolvimento mais saudável e responsável.

O objetivo deste trabalho é analisar como uma educação sexual e fundamentada em direitos pode capacitar os adolescentes a tomarem decisões informadas, refletindo assim na saúde pública. Além disso, pretende-se discutir a importância de implementar programas educativos que abordem esses temas nas escolas e comunidades.

A metodologia deste estudo consistiu em uma revisão bibliográfica qualitativa descritiva, com o objetivo de reunir e analisar informações sobre a eficácia da educação sexual na prevenção de ISTs e gravidez na adolescência. A pesquisa foi realizada por meio de uma busca sistemática em bases de dados acadêmicas, incluindo PubMed, Scopus e Google Scholar, utilizando descritores como “educação sexual”, “ISTs” e “gravidez na adolescência”. Essa abordagem permitiu a coleta de artigos e estudos recentes que fornecessem uma visão abrangente sobre os impactos da educação sexual na promoção da saúde sexual e reprodutiva entre adolescentes.

O estudo foi conduzido em outubro de 2024, estabelecendo critérios de inclusão para artigos originais e gratuitos, publicados em português ou inglês, que apresentassem dados relevantes sobre a eficácia da educação sexual na prevenção de ISTs e gravidez. Foram excluídos trabalhos incompletos, duplicados ou que não atendiam aos critérios estabelecidos, assegurando a qualidade e a relevância das informações analisadas.

RESULTADO E DISCUSSÕES

A educação sexual pode ser definida como qualquer combinação de experiências de aprendizagem que visem facilitar o comportamento voluntário conducente à saúde sexual. A educação sexual durante a adolescência tem-se centrado na transmissão de conteúdos (apenas

abstinência vs. instrução abrangente) por professores, pais, profissionais de saúde ou educadores comunitários, e no contexto (dentro e fora da escola) dessa transmissão (Garcia; Fields, 2017). No que diz respeito ao conteúdo, os proponentes dos programas de apenas abstinência pretendem ajudar os jovens adultos a evitar gravidezes indesejadas e ISTs, partindo do pressuposto de que, embora o uso de contraceptivos apenas reduza o risco, a abstinência irá eliminá-lo completamente (Kirby, 2008).

Diversos fatores característicos de grupos de adolescentes em situação de risco podem contribuir para uma maior vulnerabilidade à contração de doenças sexualmente transmissíveis. A literatura destaca, por exemplo, o impacto negativo do acesso restrito a serviços de saúde e à educação sexual, que pode influenciar as práticas sexuais desses jovens (Williamson, 2013; Denford et al., 2017).

Além disso, características inerentes à adolescência, como a busca pela identidade pessoal, as transformações corporais, o início da atividade sexual e as múltiplas pressões sociais enfrentadas por indivíduos entre 13 e 18 anos, podem expor esses grupos a comportamentos de risco, resultando em um aumento da incidência de infecções, gravidez na adolescência, entre outras consequências (Kar, Choudhury; Singh, 2015; Sommer; Mmari, 2015).

Em países em desenvolvimento, esses riscos parecem ser ainda mais pronunciados, com a idade de início da atividade sexual frequentemente situando-se entre 13 e 14 anos. Nesse contexto, as intervenções propostas em educação sexual frequentemente se concentram na prevenção da gravidez indesejada e na mitigação de comportamentos de risco associados (Betancur, Villamizar; Torres, 2016; Uribe Rodríguez; Pineda, 2009).

Um resultado compartilhado por países como os Estados Unidos, bem como na Europa e na Ásia, evidenciado na literatura, é a necessidade de garantir acesso a métodos anticoncepcionais e a educação sobre seu uso. Essas medidas poderiam reduzir as taxas de gravidez na adolescência e, de forma mais ampla, capacitar os adolescentes com informações sobre sua saúde sexual e reprodutiva (Lindberg, Santelli; Desai, 2018; Witwer, Jones; Lindberg, 2018).

A educação sexual abrangente apresenta evidências substanciais de sua eficácia e efetividade na promoção de comportamentos que previnem gravidez indesejada e ISTs. Estudos demonstram que a educação sexual abrangente contribui para o adiamento da iniciação sexual, o aumento da contracepção e do uso de preservativos, além de reduzir a frequência das relações sexuais e o número de parceiros (Denford et al., 2017; Lugo-Gil et al., 2018).

A relevância da coleta sistemática de evidências sobre programas de educação sexual eficazes é evidenciada por relatórios pioneiros do Dr. Douglas Kirby, “No Easy Answers: Resultados de Pesquisa sobre Programas para Reduzir a Gravidez na Adolescência” (Kirby, 1997) e “Emerging Answers: Resultados de Pesquisa sobre Programas para Reduzir a Gravidez na Adolescência e Doenças Sexualmente Transmissíveis” (Kirby, 2007). Esses estudos identificaram características comuns entre programas bem-sucedidos, influenciando o desenvolvimento de currículos e intervenções fundamentadas em evidências científicas.

Enquanto Goldfarb e Lieberman (2021) utilizam diretrizes recentes dos Estados Unidos, em especial os Padrões Nacionais de Educação Sexual, para ampliar o foco da educação sexual abrangente, que antes se concentrava nos determinantes comportamentais da gravidez e das ISTs, para incluir uma gama mais ampla de resultados potenciais. A revisão, que se concentra exclusivamente em contextos escolares, analisa a literatura que avalia o impacto da educação sexual abrangente em diversas áreas, como a valorização da diversidade sexual e de gênero, a prevenção do bullying homofóbico, a violência de parceiro íntimo e o abuso infantil, além da promoção de relacionamentos saudáveis, aprendizado socioemocional e alfabetização midiática.

Adicionalmente, Goldfarb e Lieberman exploram três abordagens distintas: intervenções tradicionais em sala de aula com base em currículos específicos, a integração de tópicos de educação sexual em outras disciplinas acadêmicas e intervenções destinadas a melhorar o clima escolar. A revisão sugere que intervenções que transcendem as aulas típicas de educação sexual podem contribuir significativamente para resultados importantes, devendo ser incorporadas na concepção da educação sexual. É importante ressaltar que, mesmo nas escolas que exigem a implementação da educação sexual, a carga horária de instrução sobre sexualidade humana é, em média, de apenas cerca de seis horas ao longo do ensino secundário, com ainda menos horas dedicadas no ensino básico e médio (CDC, 2020).

Por fim, os impactos das ISTs vão além do aumento do risco de infecção pelo HIV; eles também têm consequências sérias na saúde sexual e reprodutiva, incluindo sífilis congênita, câncer cervical e infertilidade (WHO, 2016; Tsevat et al., 2017). Por isso, é fundamental que os países priorizem a oferta de informações abrangentes sobre saúde, educação e programas de promoção da saúde para combater a epidemia de ISTs (WHO, 2016). Como muitas ISTs não apresentam sinais ou sintomas evidentes, é crucial que o público esteja ciente dos diferentes tipos de ISTs e das doenças que podem resultar delas. Além disso, a conscientização sobre os

fatores de risco associados às ISTs é essencial para a implementação de medidas preventivas eficazes (CDC, 2016).

CONCLUSÃO

A educação sexual é uma ferramenta crucial para a promoção da saúde sexual e reprodutiva entre adolescentes. Os dados demonstram que programas bem estruturados podem reduzir significativamente as taxas de gravidez indesejada e infecções por ISTs, contribuindo para um desenvolvimento saudável e seguro dos jovens. A ênfase em abordagens que vão além da mera abstinência, integrando informações sobre contracepção e prevenção, é fundamental para capacitar os adolescentes a tomarem decisões informadas e responsáveis em relação à sua saúde.

No entanto, a implementação efetiva da educação sexual nas escolas ainda enfrenta desafios, como a carga horária reduzida e a resistência cultural em algumas comunidades. É imperativo que os formuladores de políticas priorizem a inclusão de currículos abrangentes e incentivem a formação de educadores, além de garantir que os adolescentes tenham acesso a serviços de saúde adequados. O envolvimento dos pais e da comunidade também é essencial para criar um ambiente de apoio em torno da educação sexual, ampliando seu impacto.

Em termos de perspectivas futuras, é necessário um investimento contínuo em pesquisas que avaliem a eficácia de diferentes abordagens de educação sexual, especialmente em contextos variados. Além disso, a inclusão de tópicos relacionados à diversidade sexual e de gênero, prevenção da violência e promoção de relacionamentos saudáveis pode enriquecer ainda mais os programas de educação sexual, tornando-os mais relevantes e abrangentes para os adolescentes de hoje.

Por fim, a urgência em combater a epidemia de ISTs e a gravidez na adolescência demanda uma abordagem colaborativa entre governos, instituições educacionais e organizações de saúde. A conscientização sobre a saúde sexual deve ser uma prioridade nas políticas públicas, assegurando que todos os jovens tenham acesso a informações de qualidade e a serviços que atendam suas necessidades específicas. Somente por meio de um esforço conjunto será possível criar um futuro onde os adolescentes possam se desenvolver plenamente, com saúde e segurança.

REFERÊNCIAS

- BETANCUR, Mauricio Rojas; VILLAMIZAR, Raquel Méndez; TORRES, Leticia Montero. Salud sexual y reproductiva en adolescentes: la fragilidad de la autonomía. **Hacia la Promoción de la Salud**, v. 21, n. 1, p. 52-62, 2016.
- CDC. CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION. Results from the School Health Policies and Practices Study 2014; 2015. Atlanta: CDC, 2020.
- CDC. CENTRES FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION. Sexually transmitted infection: prevention. [Internet]. EUA: Department of Health and Human Services; 2016. Atualizado em: 30 mar. 2020. Disponível em: <https://www.cdc.gov/std/prevention/default.htm>. Acesso em: 18 out. 2024.
- DENFORD, S. et al. A comprehensive review of reviews of school-based interventions to improve sexual-health. **Health psychology review**, v. 11, n. 1, p. 33-52, 2017.
- FU, T.-C. et al. Relationships among sexual identity, sexual attraction, and sexual behavior: Results from a nationally representative probability sample of adults in the United States. **Archives of Sexual Behavior**, v. 48, p. 1483-1493, 2019.
- GARCIA, L.; FIELDS, J. Renewed commitments in a time of vigilance: Sexuality education in the USA. **Sex Education**, v. 17, n. 4, p. 471-481, 2017.
- GOLDFARB, E. S.; LIEBERMAN, L. D. Three decades of research: The case for comprehensive sex education. **Journal of Adolescent health**, v. 68, n. 1, p. 13-27, 2021.
- HEGDE, A.; CHANDRAN, S.; PATTNAIK, J. I. Understanding adolescent sexuality: A developmental perspective. **Journal of psychosexual health**, v. 4, n. 4, p. 237-242, 2022.
- HENDERSON, J. T. et al. Behavioral counseling interventions to prevent sexually transmitted infections: updated evidence report and systematic review for the US Preventive Services Task Force. **Jama**, v. 324, n. 7, p. 682-699, 2020.
- KAR, S. K.; CHOUDHURY, A.; SINGH, A. P. Understanding normal development of adolescent sexuality: A bumpy ride. **Journal of human reproductive sciences**, v. 8, n. 2, p. 70-74, 2015.
- KIRBY, D. B. The impact of abstinence and comprehensive sex and STD/HIV education programs on adolescent sexual behavior. **Sexuality Research & Social Policy**, v. 5, p. 18-27, 2008.
- KIRBY, D. **Emerging answers: Research findings on programs to reduce teen pregnancy and sexually transmitted diseases**. National Campaign to Prevent Teen and Unplanned Pregnancy, 2007.
- KIRBY, D. **No easy answers: Research findings on programs to reduce teen pregnancy**. National Campaign to Prevent Teen Pregnancy, 1997.

LINDBERG, L. D.; SANTELLI, J. S.; DESAI, S. Changing patterns of contraceptive use and the decline in rates of pregnancy and birth among US adolescents, 2007–2014. **Journal of Adolescent Health**, v. 63, n. 2, p. 253-256, 2018.

LUGO-GIL, J. et al. Updated findings from the HHS teen pregnancy prevention evidence review: August 2015 through October 2016. **US Department of Health and Human Services: Washington, DC, USA**, 2018.

MOORE, A. For adults only? Young people and (non) participation in sexual decision making. **Global Studies of Childhood**, v. 3, n. 2, p. 163-172, 2013.

MUSWEDE, N. J.; TSHIVHASE, Livhuwani; MAVHANDU-MUDZUSI, Azwihangwisi H. Condom use education, promotion and reasons for condom use: Perspectives of healthcare providers and young adults in Vhembe district, Limpopo province. **South African Family Practice**, v. 63, n. 4, 2021.

ÖZDEMİR, A.; UTKUALP, N.; PALLOŞ, A. Physical and psychosocial effects of the changes in adolescence period. **International Journal of Caring Sciences**, v. 9, n. 2, p. 717-723, 2016.

RODRÍGUEZ, A. F. U.; PINEDA, L. T. O. Conductas sexuales de riesgo en estudiantes universitarios de la ciudad de Cali-Colombia. **Revista virtual universidad catolica del norte**, n. 27, p. 1-31, 2009.

SOMMER, M.; MMARI, K. Addressing structural and environmental factors for adolescent sexual and reproductive health in low-and middle-income countries. **American journal of public health**, v. 105, n. 10, p. 1973-1981, 2015.

TSEVAT, D. G. et al. Sexually transmitted diseases and infertility. **American journal of obstetrics and gynecology**, v. 216, n. 1, p. 1-9, 2017.

UNAIDS. **Global HIV statistics - Fact sheet**. UNAIDS, 2024. Disponível em: https://www.unaids.org/sites/default/files/media_asset/UNAIDS_FactSheet_en.pdf. Acesso em: 18 out. 2024.

WHO. World Health Organization. **Adolescent pregnancy**. WHO, 2020. Disponível em: <https://www.who.int/es/news-room/fact-sheets/detail/adolescent-pregnancy>. Acesso em: 18 out. 2024.

WHO. WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Global Health Sector Strategy on Sexually Transmitted Infections 2016–2021**. [Internet]. Genebra: WHO; 2016. Disponível em: <https://www.who.int/reproductivehealth/publications/rtis/ghss-stis/en/>. Acesso em: 18 out. 2024.

WHO. World Health Organization. **Sexually transmitted infections (STIs)**. WHO, 2024. Disponível em: [https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/sexually-transmitted-infections-\(stis\)](https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/sexually-transmitted-infections-(stis)). Acesso em: 18 out. 2024.

WILLIAMSON, N. E. **Motherhood in childhood: facing the challenge of adolescent pregnancy**. United Nations Population Fund, 2013.

WITWER, E.; JONES, R.; LINDBERG, L. Sexual behavior and contraceptive and condom use among US high school students, 2013–2017. **New York, NY: Guttmacher Institute, 2018.**